

BATISMO NÃO SERVE PARA SEGUIR JESUS

Evaristo Eduardo de Miranda*



Jesus nunca convidou ninguém para segui-lo. Os tão comentados seguimentos de Jesus parecem inspirados numa estranha leitura do texto e do contexto evangélico. A escrita é somente metade do texto. A outra metade é quem lê. E essa outra metade, ao longo de dois mil anos de tradução, muitas vezes perdeu o texto e o contexto. O batismo de adultos não é uma simples opção de seguimento submisso e passivo de Jesus.

Os chamamentos do Cristo, sua convocação aos discípulos são freqüentemente apresentados sob o império da ordem: segue-me! Na realidade, não se trata de "seguir", mas de "caminhar juntos", de fazer caminho "com eu". Não se trata de seguir Jesus como a um líder - capitão de coluna ou de revolta (tão desejada por alguns naqueles e nestes tempos).

"Seguir" evoca submissão e, freqüentemente, alienação. Isso não existe no verbo grego *akoloutheo*, utilizado nos evange-

lhos. A palavra grega *keleuthos* significa caminho, estrada, rota, trajeto, viagem. Quem vai junto com alguém pela mesma estrada *acompanha*, da mesma raiz *akólouthos*. Em português, temos acolitar, acompanhar (acólito) e seguir (neste sentido). O verbo grego se opõe a outros verbos que, eles sim, significam caminhar na frente, ir adiante, conduzir (*эгumai*) ou ainda mostrar o caminho, guiar (*archomai*).

E qual a importância desse entendimento no caso do batismo de adultos? É que no batismo de adultos vive-se a plenitude de uma experiência de conversão. Como nos sinais de trânsito, a pessoa, pela adesão ao Cristo, está disposta a mudar o sentido de sua vida. Mas, ao longo do séculos, a conversão do adulto, como acompanhamento de um igual no caminho, derivou para a idéia de submissão, de séquito, de seguimento. Como no sentido de um dignitário acompanhado de seu séquito. Entre "acompanhar" e "seguir"

a diferença é significativa para o batizando adulto, com conseqüências espirituais e psicológicas muito importantes.

Ao contrário do seguimento temeroso e submisso, acompanhar vai bem para os dois sujeitos. Duas pessoas caminham juntas. O acompanhar, o fazer caminho em conjunto evoca a igualdade na dignidade e na liberdade, e não na servidão ou na submissão dos que aceitam um jugo comum. O acompanhar fala de um com relação ao outro. Como no mito fundador da mulher tirada do lado do homem, no Gênesis. Para um casal, isso significa que, graças a caminhada de dois seres diferenciados e livres, o *um ao lado do outro* poderá se transformar no *um com o outro*, como evoca Marie Ralmary. Isso se os dois souberem encontrar um justo caminho na relação. Para o adulto batizando, o posicionamento de Jesus na caminhada é uma autorização para a vida e a liberdade: eu estarei ao teu lado. Caminharei

com você. Dois sujeitos, sem sujeição. O bom pastor não anda na frente das ovelhas, mas onde for necessário: no meio, ao lado, atrás para uma desgarrada. Não dessembesta na dianteira e as ovelhas que se virem. Essa não é a imagem do bom pastor. Ele é o Emanuel, o Deus conosco.

O "seguir", tradicionalmente, significa outra coisa, apesar de todo pretensão embelezamento exegético ou retórico em torno do seguimento do Cristo. No seguir, alguém saiu na frente, primeiro. O segundo seguiu. Não é o seu movimento, nem o seu sentido próprio, mas o do primeiro que determina o caminho. A pessoa se entrega a um outro como um servidor, mudo e servil. Um objeto. E isso é cada vez mais comum nas seitas religiosas em que o líder, o pastor se tornam o único falante. Mas é também freqüente nos casais, nas amizades, nas comunidades e até entre irmãos religiosos.

O batizando adulto, ao engajar-se na via da palavra, engaja-se fora de qualquer envelope ou envolvimento. Deixa tua casa, parentela, pais e deuses e vai para você! Deus convoca Abraão a caminhar para si. O batizando adulto não busca na Igreja um esconderijo para fugir da vida ou do mundo. A promessa a Abraão não foi um abrigo, nem um lugar, mas uma visão: "a terra que eu te farei ver" (Gn 12,1). Jesus não promete segurança, nem estabilidade. Ele nos faz ver. Ver nossa condição de seres prontos à alienação, programados para ter medo, servir e prestar contas. Programados para desempenhar, para competir e incorporar os desejos alheios e os projetos externos.

Em Lucas (9,23), Jesus é claro: se alguém quiser vir atrás de mim, que negue a si mesmo, tome sua cruz todo dia e me siga (faça comigo o caminho). Trata-se de um convite a renunciar o desejo de seguir, de vir atrás. Trata-se de um convite a dizer não (*arne-*

omai) a esse desejo de escravo, de submissão e alienação. Esse é o convite de Jesus ao desejoso, ao batizando adulto. Não se trata de um chamado à submissão e à alienação. Haveria um chamado ao martírio em Lucas? Também não. Lucas agrega uma expressão ausente em outros evangelhos: *todo o dia*. Não se trata da cruz final.

A exegese tradicional virou muitas vezes esse texto no sentido do esmagamento do sujeito. É claro, para seguir alguém é necessário anular-se, não existir mais. Desaparecer, para que somente aquele que se segue, exista. Um convite à negação da autonomia humana. Nada menos compatível com o evangelho da vida plena. O chamado é de tomar a cruz, levantar sua cruz. O sentido é o de alçar, erguer do chão, suspender e também levar (tomar uma cidade, uma fortificação) ou suprimir. Ao tomar ou alçar alguma coisa adquiri-se o manuseio, o domínio! Esse objeto, símbolo de derrota e mortal passividade, o ouvinte é convidado a tomar. Toma o lugar onde você está submetido passivamente à morte! Toma a tua morte nas tuas mãos! Seja o carregador, soberano e triunfante, do teu destino de criatura mortal! O batizando adulto toma a própria morte na primeira pessoa. Ele toma o destino da criatura e, ao fazê-lo, (dele) escapa. Sujeito, ele instaura a si mesmo. Instaurar vem da raiz *staurós* (cruz). Significa começar, iniciar, ficar de pé (*stand* em inglês), estabelecer, fundar, inaugurar, renovar e restaurar.

O batizando deseja acompanhar Jesus. Não mais escondido por alguém falando em seu lugar. Não mais escondido para se proteger da morte, como o escravo atrás do Senhor. Mas enfrentando a morte, a própria mortalidade, caminhando com o outro. Não mais atrás, mas *com*. Plenamente explícito em Marcos (8,34): "Se alguém quiser acompanhar atrás de eu, que diga não a esse desejo

mesmo, que tome sua cruz e acompanhe eu". De fato, o mesmo verbo é usado nos dois casos. Apenas muda a presença ou ausência da preposição atrás. É a vontade de acompanhar atrás, é a esse seguir que Jesus convida a dizer não. Esse trecho fala do desejo de alienação.

Quantos católicos ao buscarem o batismo adulto em outras seitas, buscam a fuga, a alienação e uma sorte de ilusória segurança mental. O desejo é o de não ser confrontado com a dificuldade de viver a vida única que é a nossa e a morte única que é também a nossa. Desejo de não ser contado entre os que falam, mas somente entre os que repetem as palavras já ditas por aquele ou aqueles que falam bem, como apresentadores de televisão.

O mais grave é o ensinar para os outros essa atitude de acompanhar atrás, seguir. Siga atrás de mim que eu já estou seguindo atrás de outro. Engano. Ilusão. Atrás de Jesus está Satanás (Mt 16,23): para trás de mim Satanás. Nossa situação de adesão, de sujeitos, de discípulos é a dos discípulos de Emaús: "Enquanto falavam e discutiam, um com o outro, o próprio Jesus os alcançou e caminhava com eles" (Lc 24,15). Os adultos buscam o batismo pois sabem que Jesus os alcançou.

(* Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em ecologia, pesquisador da USP e do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA. Autor dos livros "Água, sopra e luz - Alquimia do Batismo" e "Agora e na Hora" pelas edições Loyola.

Referências Bibliográficas:

Balmory, M. Le sacrifice interdit. Freud et la Bible. Grasset. Paris. 1986.
Bíblia hebraica com comentários de Rachi. Trejger. S. Paulo. 1993.
Bíblia tradução ecumênica. Loyola. S. Paulo. 1994.